**O TEMPO DE EWÁ E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ALFABETIZAÇÃO**

**Resumo Expandido**

**O TEMPO DE EWÁ E AS QUESTÕES**

**ÉTNICO-RACIAIS NA ALFABETIZAÇÃO**

#

# ***“Exu matou um pássaro ontem,***

# ***com uma pedra que só jogou hoje.***

ditado yorubá

 Ao trazermos na epígrafe o ditado yorubá, na ação de Exu de lançar uma pedra no ontem para ter efeito no hoje, buscamos tensionar a noção de temporalidade ocidental, cronológica e linear que deseja determinar o tempo da alfabetização [[1]](#footnote-1), como temos visto acontecer nos últimos programas do governo federal voltados à alfabetização de crianças que estabelecem uma idade para que todas as crianças se alfabetizem. Na lógica das *cosmopercepçõe*s[[2]](#footnote-2) africanas, o tempo é uma espiral, só existindo o início o meio e o início. Nomeamos esse tempo de Ewá,[[3]](#footnote-3) alcunha de uma entidade feminina de religião de matriz afro-brasileira. Assim compreendemos o processo de alfabetização como aquisição da leitura e da escrita que se dá continuamente, reengendrando-se e aprofundando-se a cada novo desafio que é sempre um começo.

Nessa perspectiva, o presente artigo objetiva discutir os processos de alfabetização como *continuum*, buscando os atravessamentos com as questões étnico-raciais, pois compreendemos que a escola como *espaçotempo* social precisa estar constituída das questões que perpassam os cotidianos da pesquisa narrativa, entendendo estes processos cotidianos e narrativos como artesanais e imbricadas no seu exercício pelos sujeitos nas brechas e fissuras daquilo que é imposto às escolas e seus praticantes.[[4]](#footnote-4)Com nossas experiências vividas no campo da alfabetização, como praticantes das escolas e também como formadores de professores alfabetizadores, partilhando *saberesfazeres*, trazemos uma reflexão a respeito da importância da coletividade para os processos de formação docente e propomos pensar a alfabetização e a formação, no tempo de Ewá, a partir das noções de complexidade (NAJMANOVICH, 2022), da confluência (BISPO DOS SANTOS, 2023) e da ecologia dos saberes (SANTOS, 2019), imbricados com a questão racial. Para esse objetivo, utilizaremos os princípios teóricos e metodológicos dos cotidianos (ALVES, 2003; OLIVEIRA, 2012), com auxílio do campo das pesquisas narrativas (CLANDININ; CONNELLY, 2015; REIS, 2022). Buscamos também nos apoiar no uso do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), para a compreender a criação curricular como um processo artesanal (SANTOS, 2019).

A partir dos estudos de Bento (2022), entendemos que a questão racial precisa ser discutida por meio da compreensão de que a nossa sociedade está alicerçada em alianças construídas entre os brancos e que são determinantes para a perpetuação do racismo e dos abismos que ele provoca. Para a autora, mantém-se uma cumplicidade não verbalizada, que visa manter seus privilégios, assegurando o confinamento de negros e negras nas partes baixas da pirâmide social, em permanente condição de subalternidade.

Neste sentido é que tecemos o alinhavo entre alfabetização e as questões étnicas raciais, entendendo a vinculação histórica entre aqueles que não se alfabetizam e o racismo. Nesse sentido, a partir da noção de complexidade proposta por Najmanovich (2022), propomos um pensamento em rede e poiético, quer dizer, artesanal e criativo. Com isso pensar com base na noção de tempo em espiral, que denominamos de Ewá, um tempo que é fêmea, a multiplicidade temporal onde habitam **o presente**, o impreciso, o precário, o movente, o ambíguo e o irregular, na busca do re-encantamento do mundo, num encontro entre as ciências e a humanidade em que o caos não seja entendido somente como desordem, mas, sobretudo, como criatividade.

Segundo a tradição oral africana, Ewá ou Euá , que em [iorubá](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_iorub%C3%A1) é *Yèwá*, é o [orixá](https://pt.wikipedia.org/wiki/Orix%C3%A1) do [Rio Ewá](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Ieu%C3%A1), curso d'água que corre no [estado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_da_Nig%C3%A9ria) de [Ogum](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ogum_%28estado%29), na [Nigéria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nig%C3%A9ria). Esse rio seria a morada desta deusa. Ewá era cultuada inicialmente entre os Mahi, foi assimilada pelos Iorubas e inserida no seu panteão. A força desse Orixá estava concentrada numa cobra que engolia a própria cauda, o que denota um sentido de perpétua continuidade da vida, pois o círculo nunca termina.

 No Brasil, entre muitas versões, Ewá é a orixá das fontes. É a mãe dos gêmeos Ibejis. Certo dia, Ewá levou seus filhos para buscar lenha no meio do bosque e não conseguia encontrar o caminho de volta. Implorou ao Deus Supremo Olorum que os ajudasse e não permitisse que seus filhos morressem de sede. Então Olorum transformou as mãos e braços de Ewá numa fonte d'água, que aos poucos deu origem a um rio. Com isso, os gêmeos puderam matar a sede e conseguiram voltar à aldeia, onde contaram a história da mãe-fonte. Para Martins (2001), ela é a “ a senhora das possibilidades”, uma das iabás, considerada, ora irmã de [Iansã](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oi%C3%A1), ora irmã de [Oxumarê](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxumar%C3%AA). Seu nome significa mãezinha do caráter

Assim, é que consideramos o tempo da sala de aula e da alfabetização como o de possibilidades, trazendo a entidade Ewá para nomeá-lo, aquela que se torna água para saciar a sede dos Ibeji, entidades gêmeas, representadas por duas crianças, que em África, representam a certeza da continuidade. É Ewá que, com braços d’água, faz o ciclo que jorra, sobe, jorra de novo e que alimenta o rio, fazendo como água o seu ciclo, sem começo nem fim, tal qual compreendemos os processos de alfabetização das crianças.

Nessa tessitura, dialogamos com a noção de confluência de Antônio Bispo (BISPO DOS SANTOS, 2015), para refletir sobre modos de escapar da estrutura racista que se perpetua nas escolas. Para o autor, confluência é a *lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual* (BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 89). Assim, um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e com outros rios, ele se fortalece. A ação de confluir envolve pensamentos, conhecimentos e vivências que se cruzam, se encontram, sem se perder do que é, mas tornando-se outro. Pensamento esse que se aproxima da concepção de currículos que trabalhamos aqui, como criação cotidiana (OLIVEIRA, 2012). Com esta noção, compreendemos que os professores criam currículos em seus cotidianos. Tecendo com os conteúdos formais socialmente válidos e legitimados pelos textos oficiais outros conhecimentos, valores, crenças e convicções que circulam nas salas de aula e que, articulados aos primeiros, dão origem a rede de conhecimentos e a currículos únicos e irrepetíveis fazendo-nos formular a compreensão de que os currículos criados pelos sujeitos das escolas se dão na confluência de saberes.

Nesse sentido, compreendemos a necessidade de desinvibilizar as histórias, saberes e vivências das pessoas negras, pois concordamos com o provérbio africano que sinaliza que *até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador*. Esta é a nossa aposta epistemológica, política e metodológica que tira a escola desse lugar de reprodutora, para um locus de subversão e invenções. Para que toda a riqueza cotidiana criada pelas/os professoras e professores possa emergir, investimos, naquilo que denominamos, até aqui, como materiais narrativos em diversos suportes: gravações de conversas e suas transcrições, entrevistas, fotografias dos encontros, memoriais, documentários, crônicas, dentre outros materiais bibliográficos e videográficos. Entendemos que o docente está envolvido na sua própria formação, que se dá no Tempo de Ewá, o da possibilidade do cotidiano, na imprevisibilidade, na precariedade de quem busca frestas na dura rotina da vida escolar para encontrar, em Ewá, o tempo de refletir e aprender, processo que, como das crianças em alfabetização, é espiralado, com começo e meio e nunca um final, porque professor é aquele em permanente aprendizado.

Partindo desses pressupostos, entendemos, hoje, que não há possibilidade de uma alfabetização voltada para a justiça social sem discutirmos as relações raciais presentes em nossa sociedade. Desta forma as artesanias narrativas são voltadas para uma criação curricular que compreenda e invista numa educação antirracista, pois como aprendemos com Ângela Davis: “*Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista*.”[[5]](#footnote-5)

Assim, abordamos os processos de alfabetização como processuais, dialógicos, e autorais e numa perspectiva da discursividade, no entendimento da instituição escolar como *espaçotempo* em que as questões cotidianas estão atravessadas e ganham múltiplos sentidos, compreendendo que os processos cotidianos e narrativos são inventivos, artesanais e irrepetíveis na relação que se estabelece entre os currículos formais e a rede de sentidos e atravessamentos que compõem os sujeitos das escolas.

Por isso, entretecemos a *cosmopercepçõ*es africanas com a compreensão do Tempo de Ewá, que é circular, espiralado, tal qual o processo de alfabetização como aquisição da leitura e da escrita, que é contínuo, se aprofundando e se reestruturando aos novos desafios que vão sendo impostos aos leitores e escritores experientes. Nesse sentido, o que defendemos no decorrer do artigo é de uma alfabetização discursiva, autoral e racializada, fazendo parte das disputas entre as concepções de modos de aprender, de currículo, de processos formativos e em decorrência, de compreensão de sociedade e de mundo. Ao compreender o tempo como Ewá, como início-meio e início, o que propomos é inserir nos debates sobre alfabetização a questão racial, como processo, pois como nos ensina Freire (1997, p.79) “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho, caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALVES N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 1-8, dez. 2003.

BENTO, C. *Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CLANDININ, D. J. CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa*: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

MARTINS, C. *[Euá:](https://www.worldcat.org/oclc/49499228)* [*A senhora das possibilidades*](https://www.worldcat.org/oclc/49499228). Rio de Janeiro: Pallas. 2001

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989

NAJMANOVICH, D. *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

OLIVEIRA I.B. *O Currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alli, 2012

XXX; XXX; XXX, 2022.

XXX; XXX, 2023.

XXX. XXX; XXX, 2023

SANTOS. A. B. – *A terra dá, a terra quer* – Ubu Editora- São Paulo. 2013

SANTOS, B. S. . *O fim do império cognitivo.* Belo Horizonte: Autêntica, 2019

1. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/16166-ciclo-de-alfabetizacao-deve-prosseguir-sem-interrupcao> - Acesso em 04.set.2023 <http://portal.mec.gov.br/assuntos/noticias/2023/junho/governo-federal-lanca-compromisso-nacional-crianca-alfabetizada> – Acesso em 04.set.2023 [↑](#footnote-ref-1)
2. Usamos, como aprendemos com Alves (2001), o “princípio da juntabilidade” das palavras quando duas ou mais palavras, ao serem unidas na escrita, assumem significado diferente daqueles que tinham quando separadas (FERRAÇO, 2003). [↑](#footnote-ref-2)
3. Mesmo sabendo que nos ritos afro-brasileiros, Ewá não é a senhora do tempo, entendemos que é a entidade que dialoga com a noção de temporalidade que defendemos neste artigo, sendo ela reconhecida como o orixá das possibilidades e das águas turvas que possibilitam o mergulho no desconhecido como nós propõe Nilda Alves. [↑](#footnote-ref-3)
4. Em Certeau (2008), praticante ordinário é o que cria, no uso, um espaço de jogo nas maneiras de utilizar aquilo que lhe é imposto e, sem sair do lugar, instaura pluralidade e criatividade [↑](#footnote-ref-4)
5. A frase da filósofa faz parte de seu livro “Mulheres, raça e classe”, lançado em 1981, no qual ela faz uma análise a respeito das opressões que desumanizam mulheres negras trabalhadoras no modelo atual de sociedade. [↑](#footnote-ref-5)